

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º A entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 643	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120	5 DE NOVEMBRO DE 1896	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos em pleno inverno. Rodam as carruagens docemente pela lama; nos passeios chapéus de chuva esbarram em chapéus de chuva; damas de vestido arregaçado, mostrando a elegancia da bota, saltitam de pedra em pedra, atravessando as ruas.

Noroeste. Tempo de caretas. O sol ora ri, ora se esconde amuado atraz das nuvens negras. As estrellas, de noite, brilham com intermitencias. A lua triste, no minguante, espreita, de quando em quando, entre os rasgões das nuvens despenteadas.

Foi-se o mez de outubro e ainda a grande parte da sociedade elegante, que ha de em breve animar essas ruas, concorrer nas tardes bonitas de inverno á Avenida, frequentar os theatros, com raras excepções quasi desertos, não voltou á capital, esperando talvez por essas praias o verão de S. Martinho, o mais lindo tempo do anno, quando o anno está para isso.

D'antes, era 29 de outubro, anniversario natalicio d'El-Rei D. Fernando, o dia marcado para estar tudo de volta. Abria então S. Carlos. Apresentavam-se as primeiras *toilettes* de inverno, modas novas que vão sempre maravilhosamente ás mulheres que o merecem, isto é, ás bonitas, porque ás outras tudo lhes vae mal, desgraçadas! Cumprimentavam-se de longe, os que, havia muito, se não viam. Contavam-se historias, o que se havia feito durante largos mezes de ausencia.

Essa data certa da retirada do campo e praias foi-se, anno a anno, atrazando. A abertura do theatro lyrico passou a ser problematica, pelo menos na data. As casas de campo foram ganhando em conforto. A cidade tornou-se cada vez menos attrahente.

A chuva torrencial dos ultimos dias trouxe bastante gente a Lisboa; o comboio das cinco horas para Cascaes já não vai abarrotado de passageiros. Voltam á solidão as praias mais proximas, Pedreiroços, Algés, Caxias, Paço d'Arcos.

Vão animar-se os theatros. O da Rua dos Condes já annunciou a reaparição do Valle no *Solar dos Barrigas*.

Vai ser uma verdadeira noite de festa. O Valle, o impagavel Valle, uma das glorias do theatro portuguez, que uma doença gravissima havia prostrado no leito e posto em perigo a vida do querido artista, está felizmente bom e fero, tão capaz como d'antes de entornar da sua valiosissima cornucopia milagrosa sobre as nossas cabeças os dons mais preciosos, a alegria, o riso.

Será entre mil abraços acolhido pelos collegas, será entre palmas e flores aclamado pelo publico, que tanto e tão justamente lhe quer.

Voltando para o seu logar na scena, hão de voltar para aquelle theatro noites de entusiasmo, como elle ha muito, as não vê, perseguido como tem sido por um azar que decerto não merece aquella sala de espectaculos pequena, aconchegada, elegante e alegre.

O Valle ha de fazer o milagre. No papel de D. Trajano, por elle criado ha quatro annos, n'aquelle mesmo palco, ajudado, então como hoje, por Angela Pinto, cuja fama em Lisboa começou pelo extraordinario desempenho por ella dado ao

papel de *Manuela*, o Valle receberá as demonstrações de apreço que lhe são devidas e ouvirá a Angela cantar-lhe as coplas dos foguetes com mais brio e alegria do que nunca!

Tudo elle merece, porque, além de ser um dos primeiros entre os primeiros como actor comico, é um excellent character, um dos melhores rapazes de Lisboa.

Emquanto no theatro da Rua dos Condes se espera ansiosamente por uma noite de gala, preparam-se os outros theatros para a lucta contra a indiferença de certo publico e a queda desastrada que vai mostrando, cada vez maior, para os colyseus.

Falla-se em que brevemente abrirá o theatro de S. Carlos, onde talvez nos seja dado ouvir a ultima produção do maestro Augusto Machado, que, depois da *Laureana* e dos *Dorias*, de cujo exito todos se recordam, com verdadeira paixão de artista, estudando constantemente, trabalhou com afincio na musica d'um novo libretto, *Dalila*, extrahido d'um romance de Octave Feuillet.

Bom seria que a nova se confirmasse e que mais uma vez nos pudesse alegrar a certeza de que toda a arte tem em Portugal quem lhe queira e n'ella saiba trabalhar com sciencia, consciencia e verdadeiro amor.

No theatro de D. Maria ensaia-se o *Judeu Po-*

## A GUERRA NA OCEANIA PORTUGUEZA



CORONEL CELESTINO DA SILVA — GOVERNADOR DE TIMOR

(Cópia de uma photographia)

laco de Erckmann Chatrian, devendo Brazão fazer o papel do protagonista. Em seguida subirá á scena o *Filho Natural*, uma das melhores peças de Alexandre Dumas.

Na Trindade continua por estes mezes mais proximos *A Gata Borralheira*, que tem dado successivas enchentes, devendo depois fazer-se *reprise dos Filhos do Capitão Mór* e a seguir ensaiar-se a revista do anno de Sousa Bastos, a que desde já auguramos um exito igual ao das precedentes.

E' seguramente este o genero de peças que o publico prefere. Diverte-o e não o obriga a pensar. Nesta especialidade Sousa Bastos é de primeira ordem. Sabe compôr scenas alegres, divertidas, interessantes; arimar os quadros, escolher as musicas, mover as figuras. Dispõe além d'isso do melhor actor portuguez para esse genero, Alfredo de Carvalho, o Lucas do *Tim Tim*, o Cosme do *Tam Tam*, o Felix Meirelles do *Sal e Pimenta*, typos muito comicos de alfacinhas, verdadeiramente apanhados n'uma caricatura flagrante, de merecimento muito real.

O inverno está comnosco; é dar pressa a esses trabalhos.

A chuva cai em torrentes e fustiga os vidros das janellas. Depois d'um dia sombrio a noite chega mais depressa. Os pardaes escondem-se friorentos nas beiras dos telhados. E a chuva e a treva e os pardaes todos dizem: trabalhar! trabalhar!

E' que quem vive nos theatros e de theatros tem agora o seu tempo. Os actores não são como a formiga que perguntava á cigarra o que ella havia feito nos dias de calor. Não são também como as cigarras, porque a presilha do collete é exactamente no verão que elles a apertam.

O que, em grande parte, vale ao artista theatral portuguez é a felicidade que tem de apanhar o inverno no Brazil exactamente quando os fortissimos calores do nosso verão afugentam do theatro os espectadores. Tivessem elles juizo e soubessem organizar devidamente repertorios e companhias, quantos d'elles viveriam n'um inverno constante, gordos e alegres como as cigarras no verão, sempre das collegas afastados, fazendo as malas para a viagem, assim que ellas se puzessem a cantar na primeira olaia florida.

O Brazil é effectivamente um grande recurso para os artistas portuguezes, que ali deveriam ter representantes de sua confiança e poder preparar viagem sem ter que sujeitar-se a empresarios, alguns dos quaes não serão mais honrados com os seus escripturados do que o são com os auctores portuguezes, cujas peças põem em scena, sem lhes pagar um vintem.

Além mar continua ainda a companhia de Taveira, sob a direcção d'este e do empresario Celestino, a qual, pelas ultimas noticias recebidas, havia partido para S. Paulo, depois de haver dado cento e tantas magnificas recitas no theatro Apollo do Rio de Janeiro, não se tendo portanto confirmado, felizmente, as más noticias espalhadas a respeito de fiascos successivos que a companhia se dizia haver soffrido. *O Hotel do Livre Cambio*, por exemplo, obteve um exito colossal. Não foi menor o de algumas operas comicas, cuja execução na parte musical, estava sob a direcção de Cyriaco de Cardoso, estimadissimo no Brazil e por todos apreciado como merece. Ganharam dinheiro os que foram para tão longe e d'esta vez nem os auctores foram logrados.

Suppõe-se que a companhia voltará para meados de dezembro, não querendo Taveira passar o verão no Rio de Janeiro e não estando o Rio Grande do Sul em eguaes condições ás de outros passados annos.

Apezar do cambio ainda vale a pena a viagem. O Brazil ainda tem o que quer que seja de paiz das Mil e Uma Noites. O portuguez ainda lá encontra a sua segunda patria, e se um dia tivéssemos a infelicidade de perder a independencia, de saber que os nossos netos não haviam de estudar na escola a lingua tão bella que hoje falamos, teriamos a consolação da certeza de que essa lingua se ha de perpetuar no enorme imperio, que ha de ser um dia um dos mais poderosos do mundo.

A tantas leguas de distancia, tão longe d'este pequenino canto da terra, pouco mais que um grão de areia no mundo inteiro, uma das maiores glórias portuguezas é essa terra tão portugueza ainda, onde os poetas cantam maravilhosamente na lingua dulcissima que aprendemos com nossos paes, que ensinamos aos nossos filhos. No Brazil existem hoje dos melhores cultores da lingua de Camões e emquanto este fór lido nas escolas, o nome portuguez ha de ser respeitado e querido.

Creio que esta gloria vale tanto como muitos outras de que nos orgulhamos, pouco ás vezes nos importando exemplos.

JOÃO DA CAMARA.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A GUERRA NA OCEANIA PORTUGUEZA

CORONEL CELESTINO DA SILVA GOVERNADOR DE TIMOR

Apoz as victorias alcançadas pelas armas portuguezas, na Africa Oriental, seguem-se outras victorias não menos importantes na Oceania Portugueza, que mais affirmam o valor das nossas armas e o prestigio de Portugal nas suas colonias, a despeito de todos os que conspiram para entruquecer o nosso poderio n'aquelles paizes.

Quando ainda se ateava a guerra com o potentado Gungunhana, na Africa Austral, uma forte sublevação dos povos de Timor punha em grave risco a soberania de Portugal n'aquella parte da Oceania.

Os naturaes haviam commettido grandes atrocidades contra os portuguezes e as nossas forças, então insufficientes n'aquella colonia, foram victimas dos insurrectos, sendo atrozmente assassinado o capitão Camara.

Devia ser terrivel o castigo dos rebeldes, para que o prestigio portuguez, abalado por momentos, se restabelecesse tanto ou mais brilhante que até ali, o que felizmente se conseguiu.

As victorias ultimamente alcançadas em Timor, sob o commando do governador d'aquella provincia, o coronel sr. José Celestino da Silva assim o confirmam, e é com verdadeira satisfação que hoje prestamos a nossa homenagem ao heroe d'essa campanha, que cobriu de gloria o exercito portuguez.

O sr. Celestino da Silva conta 48 annos de idade e 31 de serviço no exercito, pois sentou praça em 27 de julho de 1865, pertencendo á arma de cavallaria e tendo estado em commissão durante alguns annos, na guarda municipal. E' um dos mais distinctos officiaes, superiores do exercito, porque reúne ás qualidades mais apreciaveis no soldado, as do homem de gabinete, como prova o seu governo de Timor, governo em que tem prestado valiosos serviços, além da superioridade e acerto com que dirige a ultima campanha.

O *Diario do Governo* do dia 3 do corrente publicou um officio do sr. Celestino da Silva, em que faz um resumido relatório da campanha, que é um documento extremamente honroso para o distincto official e para as forças militares que tomaram parte na guerra.

O nosso collega *O Reporter* aprecia devidamente aquelle documento, apreciação que achamos de todo o ponto justa e que pedimos venia para transcrever, porque melhor completa esta noticia e homenagem prestada ao brioso official governador de Timor:

«Para se avaliar bem quanto houve de arriscado, de grandioso, de epico, digamos assim, nas victorias de Sanir e de Cová, é preciso avaliar as difficuldades sem conta de que os nossos compatriotas ali foram o juguete, e podiam ter sido as victimas.

Depois de submettido o reino de Sanir, o governador Celestino achou-se em frente de Cová, obrigado moralmente a proseguir a campanha, mas deante de fortificações formidaveis, quasi sem munições de guerra, e com as suas forças fatigadas e desmoralizadas por trinta e seis dias seguidos de campanha.

N'estas condições, comprehende-se bem que dispendio enorme de energia, tenacidade, intelligencia e valor serião necessarios pôr em pratica, para conseguir arranjar mais munições, provêr a que não faltassem as subsistencias, e, o que era mais difficil, conter em respeito e estimular os *arraiaes*, cujos chefes, cançados, e ricos das presas feitas nos combates anteriores, estavam impacientes por se retirar.

Felizmente, tomadas as melhores medidas de segurança e disciplina a que, n'aquellas condições, qualquer homem poderia recorrer, o reino de Cová foi tomado de assalto, arrasadas as suas fortificações, e morto um dos chefes dos rebeldes, precisamente o que tinha assassinado o desditoso capitão Camara.

Resta Fatumean, que o sr. Celestino conta ainda submeter e castigar este anno, encetando as operações logo que receba os reforços de africanos e munições de artilheria, que pediu instantemente. Assim que isso consiga, ficarão definitivamente,

ou pelo menos para muito tempo, seguros ao nosso dominio os reinos de Loiciva, Catubala, Sanir, Fatumean e Cová. Para esse effeito, foram já restabelecidos os commandos de Batuzadé, Balibó e Cová, este perto da fronteira hollandeza.

Ao mesmo tempo, cada um d'esses commandos está sendo defendido por meio de reductos, cuja collocação foi escolhida e fixada pelo proprio governador, no terreno. E com estes tres commandos, que mutuamente se auxiliam, claro está que fica bem garantido o exercicio da nossa auctoridade em toda aquella rica região, e prejudicada a entrada do contrabando por Cová.

Tanto o Commercio local assim o comprehendeu, que foram em Timor excepcionalmente ruidosas e cordeaes as festas, para celebrar o regresso do governador, com a expedição. Indigenas, chinas, arabes, e os que mais ou menos dependem da Companhia da Mala Real Hollandeza, organisaram um luzido prestito, a que se aggregou a população em peso, e que, com a bandeira nacional á frente, se dirigiu á residencia do governador a apresentar as suas fervorosas mensagens de congratulação.

Na verdade, as vantagens alcançadas pelo sr. Celestino são importantissimas, e devem produzir a bem do progresso e valorisação economica do districto, os mais lisonjeiros resultados; porque, acabada agora a lenda de terror que isolava aquelles povos, e dificultado o contrabando que se fazia pela raia hollandeza, os seus fertes terrenos, que são riquissimos, devem passar a produzir regularmente uma quantidade valiosa de excellentes generos coloniaes.»

### ELVAS — A SÉ — AS PORTAS DE OLIVENÇA E DA CONCEIÇÃO

Por mais de uma vez nos temos occupado n'estas paginas da formosa cidade do Alemtejo — Elvas e seus monumentos, por isso hoje cingirnos hemos ás gravuras que apresentamos copias de photographias.

A primeira d'essas gravuras representa a Sé, templo de grandes proporções e cuja torre se eleva a grande altura, alvejando sobre o azul da aboboda celeste. É de tres naves, fechando em aboboda de marmore com primorosas lezarias e artozes dourados. Até meio das paredes é forrada de magnificos azulejos e tem treze altares, incluindo o da capella-mór.

E' de architectura gothica o edificio, construido em tempo de El-tei D Manuel, mas com as reparações que tem soffrido está muito alterada a pureza do seu estylo, principalmente na capella-mór que foi reedificada no seculo passado. Comtudo é obra apreciavel de finos marmores e n'ella trabalharam os melhores artistas das obras de Mafra.

Foi n'esta sé que se deu a scena de que Antonio Diniz da Cruz Pinto tirou assumpto para o seu poema *O Hysope*.

As portas do Castello d'Elvas pertencem á historia d'aquelle balluarte da independencia nacional, tão glorioso pelos rasgos de valor de que foi theatro, e em que o povo eivense affirmou sempre o seu entranhado amor patrio e valor.

A Porta de Olivença, assim denominada por estar virada para a antiga villa portugueza d'este nome e que hoje pertence á Hespanha, é a principal do castello por ser a de maior circulação. Também se denominou Porta Real, porque por ella entravam na cidade a familia real e altos personagens quando a visitavam.

Esta porta é decorada com tropheus de guerra trabalhados em cantaria, como se vê na gravura.

A Porta da Conceição ou da Esquina é assim denominada porque sobre ella está edificada uma capella da invocação da Virgem, sendo construida em 1646, quando El-rei D. João IV tomou por padroeira do Reino Nossa Senhora da Conceição.

E' nm ponto d'onde se disfructa um panorama lindissimo, pela elevação em que está.

### PASTOR TYROLEZ

Se, quem escreve estas linhas tivesse visitado o Tyrol, e alli bebido as extranhas impressões que a natureza offerece, já quanto á região, já quanto aos seus habitantes, decerto que com muita maior verdade e magia de colorido vos descreveria o bello typo do pastor tyrolez que a nossa gravura representa. Mas o leitor nada perde, porquanto o quadro de Durck dá plena idéa da belleza varonil e silvestre do joven nomada dos alcantilados alpes selveticos e as palavras de que nós vamos acompanhá-lo, suggèrem decerto a idéa das condições naturaes que os habitantes do Tyrol disfructam.

É, em verdade, o Tyrol uma região curiosíssima, pois que estando encravada entre a vertente septentrional dos Alpes indo até a Styria, a leste vai até ao ducado d'Austria pelo norte. Esta parte, que não é todo o Tyrol, é propriamente um paiz allemão. Emquanto ao Tyrol italiano começa na vertente meridional dos Alpes e toca pela sua fronteira occidental os territorios de Brescia e de Bergamo.

Facilmente se comprehende, que dada esta dualidade de nacionalidades, o Tyrol apresenta nos seus habitantes traços diversos e traços communs.

E no estudo da sua civilisação que o parentesco de regiões evidenciam. Os tyrolezes professam geralmente, na sua maior parte, a religião catholica, são valentes por natureza, atiradores muito destros, e apresentam costumes muitissimo simples, sendo tão religiosos que attingem as raias da superstição; são rotineiros, muito conservadores da tradição e dos costumes dos seus antepassados.

Posto que muitas vezes quasi analfabetos, tem uma fina penetração aliada a uma grande nobreza e finura de caracter. Citam com orgulho os nomes dos personagens celebres do seu paiz, Angelica Kauffmann e Pedro Anich.

Um dos factos mais interessantes que o viajante pode observar no Tyrol, é as emigrações e migrações que com regularidade verdadeiramente mathematica se dão n'aquelle singular paiz.

Com a approximação do inverno, os tyrolezes descem das montanhas e procuram empregar-se na industria das povoações limitrophes. Avalia-se em mais de 30:000 os emigrantes que annualmente trocam a sua vida de montanhezes pela de operarios provisórios.

Os tyrolezes allemães deixam a patria quando começa a primavera, e os italianos, ao contrario, vão passar os invernos na Italia de onde só voltam com o estio.

E, pois, registando essas emigrações e migrações de que as montanhas do selvatico Tyrol são agora objecto, que nós nos lembramos de apresentar aos leitores, o bello typo do pastor tyrolez, copia do quadro de F. Durck.

## CONSTANTINO DE BRITO

CORONEL D'ENGENHEIROS

### II

Carecemos de remontar á historia da India Portugueza, não á historia dos primitivos tempos da conquista, em que figuraram Vasco da Gama, Albuquerque, Francisco d'Almeida, Duarte Pacheco e D. João de Castro, n'essa lliada sempre memoravel de que Camões foi o Homero, antes que a Grã Bretanha estendesse os braços pelo Oriente e pelo mundo, mas depois da segunda conquista da India, isto é, desde que Henrique Carlos Henriques, de quem o nosso biographado é neto por sua mãe D. Julianna Luiza Henriques, veio juntar e consolidar os restos que ficavam d'esse grande imperio portuguez que não pudera triumphar das ambições das nações europeas.

N'esse periodo a que nos referimos, isto é, pela metade do seculo proximo passado, se a maior parte das nossas possessões na India já nos não pertenciam, ainda nos restavam reliquias gloriosas que os indigenas nos disputavam. Foi n'essas renhidas luctas que o avô do nosso biographado illustre pelas façanhas dos seus antepassados nos seculos XVI e XVII consolidou nas mãos de Portugal o nosso já reduzido imperio do Oriente; tudo quanto ainda hoje existe não é de esperar que deixe de existir enquanto durar o nome portuguez.

Quem se atreveria a desmembrar de Portugal a fortaleza que se chama Diu e em cujas muralhas se travaram combates que eclipsaram os de Sparta na antiga Grecia.

Ahi estão Bicholim, Bardez, Pondá que nós conquistámos com a espada na mão aos mahratas.

É verdade que para guarda d'aquelle territorio, que a Inglaterra nos cubiça para completar o seu vasto imperio, só nos resta o tumulo de S. Francisco Xavier n'uma cidade arruinada!

É verdade que não temos, nem capital em forma, nem fortalezas, nem arsenaes, nem navios, nem soldados, a não ser os que d'aqui mandamos á formiga em expedições ruinosas. Ha tambem uma cousa que nos falta e esta é a mais essencial, na nossa humilde opinião. — As escolas? As universidades? Os collegios? Os lyceus?

E' tempo de entrar no assumpto.

A extincção do exercito da India seria um bem, seria um mal? É a pergunta que fazemos á nós mesmos e que já fizemos aos nossos leitores.

Pois se tínhamos escolas de mathematica aonde os descendentes dos europeos e os indus se habilitavam para os cargos militares, para que é que as suprimiram?

Se tínhamos fortalezas para que as desmantelaram quasi por completo?

Se tínhamos arsenaes aonde fabricavamos, com as nossas magnificas madeiras de téca, os nossos navios de guerra, porque preferimos compral-os no estrangeiro?

Se tínhamos fabricas de polvora aonde fabricavamos excellente polvora, que vendiamos aos inglezes nossos visinhos e aliados, porque as suprimimos e as fomos vender aos inglezes.

Se tínhamos soldados e um quadro de regimentos d'infanteria, de engenharia e artilheria, faltando-nos só a arma de cavallaria, e que se denominava exercito da India como se chamava d'Africa o d'Africa, porque é que suprimiram esse exercito como uma cousa inutil?

O exercito da India, reclamava de longa data contra duas injustiças com que era tratado pelos governos da metropole.

Havia na India uma escola militar que habilitava os sargentos para o posto de official; mas muitas vezes succedia que a vaga de alferes era usurpada por um sargento do exercito metropolitano, sem habilitações algumas e que ás vezes era despachado para o exercito do ultramar para se encobrir uma grande falta que tivesse sido por elle commettida.

E a injustiça bradava aos céus quando vagas successivas d'alferes eram assim preenchidas pelos sargentos do exercito de Portugal n'aquellas condições.

Os commandos dos regimentos eram, na maior parte, dados aos maiores do exercito de Portugal, e para que elles pudessem assumir o commando não se preenchiam as vagas de tenente coronel e de coronel, que se davam no exercito da India.

Por este processo as promoções na India estiveram paralyzadas mais de dois annos e, em 1870, foi publicada uma reorganisação militar reduzindo o exercito da India e negando-se aos officiaes d'esse exercito a garantia da sua promoção dentro do quadro a que pertenciam. Isto é, não só continuavam a mandar despachar para o exercito da India os sargentos do exercito de Portugal mas concedia-se aos individuos despachados para a guarnição de Moçambique o servirem em commissão na India onde occupavam as respectivas vagas.

Por outro lado os vencimentos, em réis fracos, era diverso, pois succedia contra todos os principios de disciplina, que um alferes que pôde ser do exercito de Portugal vencia mais, que o capitão da companhia, e um capitão por pertencer áquelle exercito vencia mais que o commandante do regimento, quando por ventura esse commando era exercido por um official da guarnição da India.

Aquella organisação, parto monstruoso da Secretaria da Marinha e Ultramar, era por tal forma odiosa, injusta e repugnante que o governador José Ferreira Pestana, não teve coragem de a pôr em execução.

Foi por este motivo substituido pelo visconde de S. Januario, que foi encarregado pelo respectivo ministro da marinha e Ultramar (Jayme Moniz) de estudar o assumpto e de propôr o que entendesse ser de justiça. A resposta do Visconde de S. Januario, que como todos sabem é dotado d'um caracter justo e liberal, foi mais favoravel ao exercito da India.

E' certo que foi depois radicalmente alterada pelo respectivo ministerio essa proposta, determinando-se terminantemente que se cumprisse a anterior odiosa reorganisação.

Foi quando o exercito da India se reuniu como um só homem, não só para protestar mas para declarar com as armas na mão que a sua attitude anormal tinha por fim defender a proposta do seu general (governador) que o ministerio em 1871 presidido por Fontes P. de Mello e do qual faziam parte Jayme Moniz ministro da Marinha e Ultramar etc. etc., vibrou o derradeiro golpe sobre o exercito da India, dissolvendo-o em 1871 e exterminando por assim dizer toda uma população branca, pelo menos preparando-lhe a mortalha.

Vem aqui a proposito, em que tantas considerações se amontoam sobre a nossa penina accrescentar que é mau systema conservar os governadores quando elles se tornam incompativeis com os seus administrados, mas é tambem peor systema, como nós já ponderámos n'este jornal o anno passado, não dar aos governadores, como

desde certo tempo está fazendo o actual governo, nas duas Africas e na India, as mais amplias faculdades.

Que motivos determinaram, porém, o ministerio Fontes a decretar com mão leve, com a supressão das escolas superiores, a extincção do exercito da India attingindo ao mesmo tempo uma raça illustre por tantos titulos?

Dr. A. M. de Tavora.

## FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 641)

A recompensa dada por El-Rei D. Manuel a Fernão de Magalhães foi incentivo bastante para o bravo portuguez voltar para a guerra, procurando na sorte das armas augmentar o lustre de seu nome já então galdado.

Na Africa feria-se uma guerra contra mouros que se batiam denodadamente com os portuguezes. Não menos que para a India, se dirigiam as vistas do rei afortunado para aquelle campo das nossas conquistas, e assim mandou aprestar uma grande armada, composta de quatrocentos navios, — segundo diz Faria e Sousa, na sua *Africa Portugueza*, — em que embarcou dezenove mil homens de guerra, sobe as ordens de seu sobrinho D. Jayme de Bragança.

N'esta armada partiu Fernão de Magalhães, empreendendo a sua terceira viagem, em 1513, e não foi esta menos gloriosa para o seu nome que as duas primeiras, pois que combatendo ao lado de João Soares contra aquelles povos semi-barbaros, occupou a praça de Azamor e defendeu-a valorosamente contra as tropas dos reis de Fez e de Maquinez. N'esta guerra se excedeu tanto em valor que, a par do ferimento que recebeu em uma perna de que ficou coxeando, lhe foi dado o posto de quadrilheiro-mór ou capitão de uma companhia, e preseguiu de tal modo os mouros que, aprisionou oitocentos e noventa d'estes e duas mil cabeças de gado.

Segundo diz Barros, esta façanha foi origem de desgostos para Fernão de Magalhães, porque na repartição da presa levantaram-se tantas reclamações e intrigas que chegaram aos ouvidos de El-Rei D. Manuel, indispondo este monarcha contra o heroe de Azamor.

Quanto de inveja e de mal soffridas ambições andariam n'isto, é o que não podemos affirmar, mas a julgar pelos resultados, mui negras deviam ser as côres com que apresentaram a El-Rei o quadro do procedimento de Magalhães, para que este, depois de se justificar com documentos, provando a falcidade das arguições, ainda assim não conseguiu recompensa regia dos seus serviços e ainda menos perdão da supposta culpa.

Ouçamos o que sobre este ponto diz Gaspar Corrêa, nas suas *Lendas da India*, n'aquella linguagem do tempo e que vamos transcrever quanto possivel approximada e intelligivel para a maioria dos leitores de

hoje. «... Fernão de Magalhães vindo ao reino, allegando a El-Rei seus serviços, pediu em recompensa lhe acrescentasse cem réis de moradia por mez, o que El-Rei lhe denegou, por não cahir em sua graça, ou porque estava destinado que assim havia de ser. Fernão de Magalhães aggravado porque muito o pediu a El-Rei e elle lh'o não quiz fazer, lhe pediu licença de ir viver para quem lhe fizesse mercê e alcançasse mais fortuna que com elle, ao que El-Rei lhe disse fizesse o que quizesse, e lhe quiz beijar a mão e El-Rei lhe a não quiz dar.»

Não se pense d'aqui que a pureza dos costumes do tempo fosse tal que, admittindo que Magalhães fosse menos escrupuloso no seu procedimento, não lhe podessem ser levados em con-

ta os serviços prestados ao reino, para lhe atenuar a falta, porque é certo que a outros não mais prestantes nem menos ambiciosos, a munificencia do rei encheu de honras e prebendas, apesar das faltas commettidas.

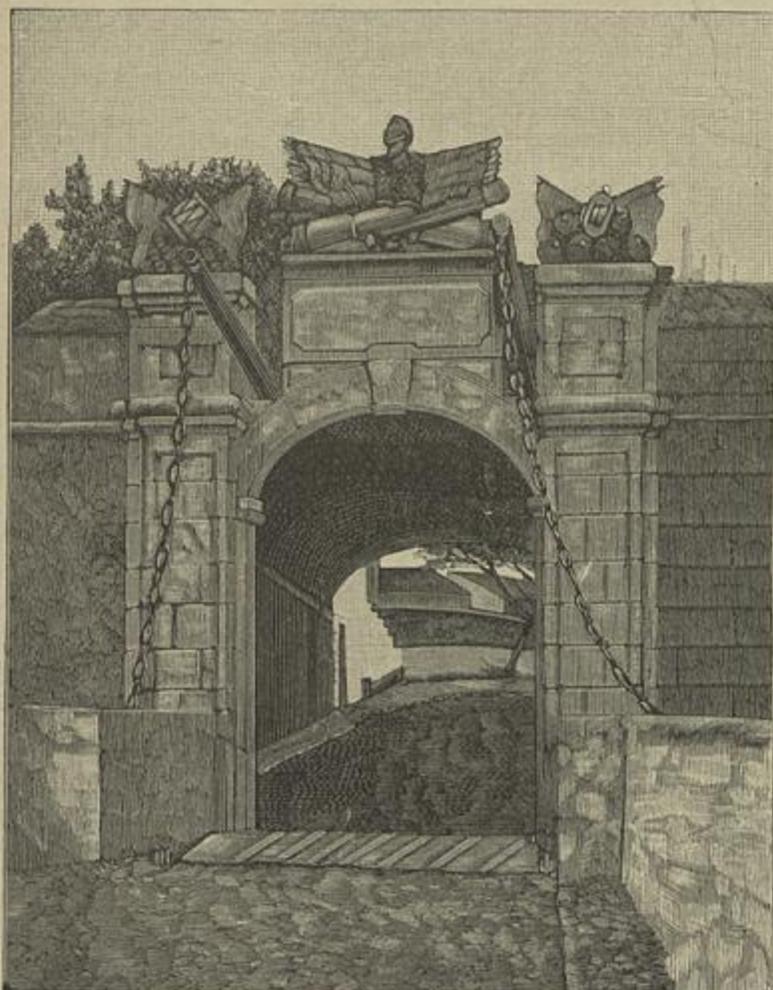
As injustiças são de todos os tempos, sem que por isso se deva sempre condemnar quem as commette, porque muitas vezes são involuntarias e apenas resultado de tramas bem urdidos por terceiros.

Foi, provavelmente, o que aconteceu com Fernão de Magalhães, que tanto se sentiu de ver-se injustamente desatendido, que renegou da sua nacionalidade de portuguez para offerer os seus serviços a Castella.

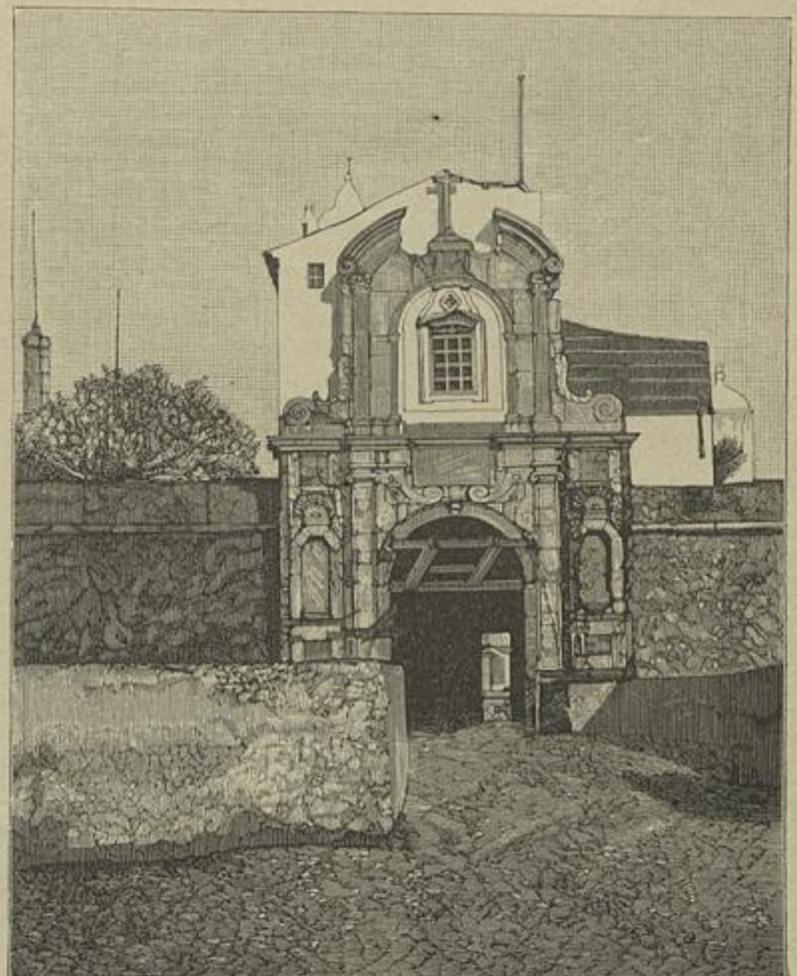
Não se falla da lucta que elle travaria consigo mesmo para levar a cabo esta re-



ELVAS — A Sé



ELVAS — PORTA DE OLIVENÇA



ELVAS — PORTA DA CONCEIÇÃO

(Copias de photographias)

solução, mas é bem de supôr seria enorme, se tivermos em vista quanto devia repugnar a um portuguez o trocar a sua nacionalidade pela de uma nação, que sempre nos disputou a supremacia, quer nas conquistas e descobertas, quer na absorpção d'esta gloriosa patria portugueza. Enorme lucta, sem duvida a que se levantou no espirito de Fernão de Magalhães, mas como resistir-lhe, se essa resistencia seria a anulação dos seus

de Magalhães, que antessenhava o grande progresso geographico que realisaria com a sua viagem de circumnavegação do globo, prestando ao mundo um alto serviço e cobrindo o seu nome de tanta gloria, que faltando á religião da patria ella não se deshonraria de o ter por filho.

Deshonra e vergonha seria se Fernão de Magalhães houvesse cruzado os braços ante a injustiça dos homens, rojando-se submisso

dia deixar de ser de Hespanha; mas a gloria do nome de Fernão de Magalhães é que nunca deixará de ser de Portugal!

V

Medearam cerca de tres annos entre os successos que levaram Fernão de Magalhães a renegar a sua nacionalidade, e a sua en-



UM PASTOR TYROLEZ — QUADRO DE DURCK

planos audaciosos, que não eram a satisfação de um capricho, vaidade impertinente, ou ambição injusta.

O escudo das suas armas ia ser picado, o nome da sua familia execrando, apontado ao desprezo; e elle estimava tanto os pregaminhos de seus antepassados, o seu nome, a sua patria, que ao apartar-se d'ella pela primeira vez, recommendara a seus herdeiros, nas disposições testamentarias, que lhe guardassem o seu escudo d'armas e o transmitissem aos seus descendentes.

Enorme lucta sem duvida; mas ainda maior que essa lucta era o ideal de Fernão

aos pés de um throno que o desprezava. Encontrando-se com animo para a audaz empreza que planeava, pouco lhe devia importar o ser portuguez ou d'outra qualquer nacionalidade; essa preocupação seria futil no meio da sua grandiosa obra. Elle tinha fatalmente que realisar os seus planos. Se a patria lhe negava os meios de os levar a effeito, elle iria por esse mundo fóra procurar os até encontrar quem lh'os facultasse; e foi e encontrou!

Se para a Hespanha Fernão de Magalhães conquistou terras; para Portugal conquistou a gloria do seu nome. Essas terras poderão um

trada em Sévilha a 20 de outubro de 1517.

Este tempo consumiu-o em estudos de cosmographia e nautica, escrevendo tambem a sua obra em castelhano sobre as terras que tinha visitado, á qual deu o titulo: *Descripcion de los reinos, costas, puertos e islas que hai en el mar de la India oriental i costumbres de sus naturales; su gobierno, religion, comercio i navegacion, i de los frutos i efectos que producen aquellas vastas regiones, con otras noticias mui curiosas; compuesto por Fernando Magallanes, piloto portuguez que lo vio i anduvo todo.*

Esta obra nunca foi publicada, entretanto d'ella se extrahiram algumas copias, que alteraram muitos pontos essenciaes das viagens de Magalhães, o que bastante deprecia o seu conhecimento, e Diego de Barros Arana, diz que viu em Madrid uma d'essas copias, de letra do seculo XVI que possuia o erudito bibliophilo D. Paschoal de Gayangos.

(Continua)

Caetano Alberto.

## AS FREIRAS DE LORVÃO

(Concluido do n.º 642)

## III

## COMO SE DEVEM UNGIR AS MONJAS DOENTES

«Quando quizerem ungir a enferma, tanjam o sino em quanto possam dizer um *padre nosso* e feito pequeno intervalo tanjam outro tanto.»

«Então vista-se o abade em alva e estola e manipulo e com o bague e desde que fôr vestido tanjam outra vez o sino e venha o convento ao côro e em sahindo do côro comecem a dizer estes psalmos:

*Beatus qui inteligit. Judica meum deus. Voce mea ad dominum, o segundo.*»

«E a cada um destes psalmos seja dito: *Gloria patri*. E sejam ditos assim como ás horas de Nossa Senhora. E vão por ordem como estão no coro, a agoa benta diante e o lume na esconsa e depois a cruz e o abade apoz ella.

Então as religiosas por sua ordem, primeiro as anciãs e as mais religiosas depois d'ellas e então as noviças, as conversas as quaes como chegarem a enferma e acabados os psalmos o abade ou aquelle que fizer o officio diga: *Par huic domni*. E responda o convento. *Amen*. E diga logo o sacerdote: *Et cum spiritu tuo. Oremus*»

Aqui, devia a enferma responder com uma oração, porem, se não pudesse dizer ou não soubesse, bastava que batesse no peito dizendo *mea culpa*, etc. Apoz o que as monjas respondiam: *Miseretur tui omnipotens deus*.

Ao que se seguia a absolvição, a qual era differente segundo quem fazia o officio.

Acabada a absolvição, aquelle que ungir dê a cruz a beijar á enferma. Isto feito e a cruz apartada chegue-se o sacerdote á enferma e molhado o dedo polegar em o oleo unja em sete lugares dizendo. *Per istam*, etc. «E esta oração seja repetida em todos os lugares dizendo: *per auditum, per odoratum, per gustum, per tactum, per ardorem libidinis, per insessum pedum*»

«As mãos e os pés tão somente sejam ungidos de baixo, nas palmas e nas solas.»

«E o que ungir seja da ordem. E como cada uma das partes tor unguida seja logo alimpada com pano ou estopas que a sachristã terá aparelhado. E depois sejam queimados em a piscina. E unguida a enferma diga o convento o psalmo *Benedic anima mea*. O qual acabado digam todas. *Kyrie eleyson*; etc.

«E isto acabado saiam-se todos. E se logo houver de commungar vá aquelle que a ungiu á igreja com os ministros, ou outro por elle se necessario fôr e lavadas as mãos na piscina, traga a santa communhão e o calix coberto com o offertorio e a cruz diante com a candêa e agua benta. E outro leva a galheta com vinho para lavar os dedos no calix. E como chegarem á enferma aquelle que leva a agoa benta lance d'ella e o sacerdote diga-lhe a ella:

— *Irmã, vês, aqui te trazemos o corpo de Nosso Senhor Jesus Christo. Crês tu que elle é nossa saude e nossa vida e resurreição.*

— *Creio*, devia responder a enferma á qual se dizia tambem:

— *Confiteor deo*.

«E quando o sacerdote com todos os que forem presentes digam: *Miseretur tui. Amen*».

«Se fôr conversa ou monja que não entenda letras, seja-lhe tudo isto dito em linguagem brevemente. A conversa claramente se confesse se peccou por cuydação ou por fala, ou por obra. Semelhantemente se confesse a monja se não souber o *confiteor deo*. Isto se faça quantas vezes alguma estiver em grave necessidade. E é de saber que aquillo que é encomendado que á enferma seja perguntado de sua fé; não se entende de todo as monjas enfermas, sómente das que ungem; e d'aquellas que estão em passo de morte. Não deixe

o sacerdote que haja ahí alguma negligencia, mas falle das cousas que a isto são necessarias e esto acabado vão-se. E quando virem que a alguma sae a alma do corpo, lancem em terra a cinza em modo de cruz e em cima d'ella alguma manta ou outra cousa estendida.

«E logo tomem a defuncta em uma almocela e ponham-n'a alli. E tanjam logo a tavao na crasta. E tangido o sino na igreja quatro vezes, as irrnãs venham muito á pressa para onde estiver a defuncta deixando primeiro todo o lavor que tiverem nas mãos dizendo:»

— *Credo in deum*.

E isto em voz que podesse ser ouvida, o que seria repetido por duas ou trez vezes, se necessario fosse.

«A cantora traga o collectaneo ao abade e a sachristã a estola e o bague e traga comsigo quem leve a cruz e o lume e o thoribolo e agua benta.»

No caso da enferma ainda estar viva, diziam a ladainha. E se depois de dita a longa ladainha a alma não houvesse abandonado o corpo da monja agonizante, manda ainda o ceremonial que se rezem os sete psalmos penitencias; os quaes acabados, se ainda viver, «deixem ahí a cruz e agoa benta e se vão»

*Laus deo*.

Esteves Pereira.

## SINITE PARVULOS AD ME VENIRE

Poesia offerecida a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> e Sr.

Patriarcha das Indias Orientaes, clero e povo indiano

Por Augusto Holtreman

Jesus quando chamou para Si os meninos,  
Elles foram cantando uns sacrosantos hymnos,  
Com a devoção e amor, em uma doce irmandade  
Aos pés de Jesus — do Deus da Caridade.  
Assim vós, oh gentis e candidas creanças,  
Entre o povo, que adora a Deus em preces mansas,  
Ideis receber n'um santo e sagrado prima,  
O emblema da Fé — Sacramento da Christma.

Vós sois a viva unção da luz do Christianismo,  
Que deu na pia benta as aguas do Baptismo;  
É uma aurora que luz e que nos céus alveja  
Dá-vos conforto á alma e as benções da Igreja.  
Tendes um coração repleto de innocencia  
E o ideal do bem, no timo da consciencia,  
Que suavis a mágoa, triste e maldadada  
Aos angelicos sons e risos da alvorada.

Vinde, oh filhos da Eva, e segui o exemplo  
Dos vossos avós — vinde e ajoelhae no templo  
Que é a casa de Deus augusto santuario,  
Onde se vivifica a Paixão do Calvario.  
Vinde, anjos de candura, e bendizeis a Deus,  
Que vos dará a graça e as benções dos ceus;  
E nunca esqueçaes da sacra religião,  
Que é o nosso Evangelho e a nossa Redempção.

Nova Goa, 20 de Janeiro de 1895.

D. S.

## AVE PASTOR

Ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio Pedro da Costa

Arcebispo de Cranganor,

1.º Bispo de Damão, nas Indias Orientaes

(Pelo seu anniversario natalicio)

Bonus pastor dat animam  
suam pro ovibus suis.—8.  
JOAN—Cap. 1.º

Surgiu a luz da Fé, e todo o mundo crente  
Viu o Christianismo, aos pés do Oriente  
Mostrar a redempção, aos nobres e plebeus  
Em ardentes orações, dos ministros de Deus.  
E elles foram além sulcando os negros mares  
Fortes para a missão, nos indicos palmares  
Para instalar o Bem do elixir divino,  
Com uma Cruz nas mãos e um bordão peregrino.

\*

Assim vós como santo e bendito Pastor,  
Pregando a Religião do justo Redemptor,  
Tendes feito volver para o aprisco da luz  
Muita ovelha pagã, em nome de Jesus.  
E hoje que é vosso dia em que a aurora irradia  
Para o ceo de Damão, em doce poesia  
Saúdo com fervor e em grande reverencia,  
Salve inclito Pastor, oh anjo da clemencia.

Nova Goa, 6 de outubro de 1896.

J. Damião de Souza.

## ROUBO INDUSTRIOSO

HISTORIA AMERICANA

POR

R REINHOLD

— Senhor Owscat?

— Que me quer?

Manda-lhe dizer o chefe da Estação que vá ao telephonio. Alguem deseja fallar lhe.

— Calculo que deve ser o sr. Barrett, director da Central. — É sempre assim! Se elle não havia de vir com a sua massadinha, á ultima hora!

— Não sei. Mas seja quem fôr, o que lhe posso affirmar, é que tem pressa; e diz o empregado que o tal individuo ficou á sua espera.

Ergueu se, apressado, o Fiel e dirigiu-se para a entrada do wagon, reservado no comboio directo para S. Paulo, por conta da firma Smith & C.<sup>a</sup> empresa especial de recovagens garantidas; deu cuidadosamente volta á chave; nem lhe esqueceu verificar se a porta ficava fechada. — Não! que elle, entre outros valores importantes, que ali iam, seguros para o noroeste, pelos quaes era responsavel, levava, nada mais, nada menos, de cem barras de prata, de mil dollars cada uma, que tinha de entregar, a são e a salvo, em Minnesóta, e que vinham bem acatelas dentro d'um cofre muito forte e muito solido, com fechadura de segredo, e bem aparafusado, álias, ao pavimento do wagon. Owscat, guardou, em seguida, a chave, n'uma bolsa, cosida ao cinto de couro.

Era esperado com impaciencia no posto telephonico, porque a demora maxima de cinco minutos, regularmente concedida para se responder a qualquer communicação, decorreria, havia alguns segundos.

Owscat applicou os tubos aos ouvidos e deu signal de que estava prompto.

A voz do seu interlocutor era a de Mr. Barrett, director da Agencia Central, cujo escriptorio, por motivos de previdencia, estava em communicação telephonica directa com as estações do caminho de ferro.

— Sabe que leva comsigo, dizia a voz de Barrett, aquella prata em barras; e, portanto, ahí lhe envio por companheiro o senhor Billot. Vae authenticado com um bilhete que eu mesmo escrevi e firmei. Encaminhe-o no serviço, pois está em tirocínio, como empregado da casa. — E' protegido pelo proprio Mr. Smith, em pessoa. — Trate o o melhor que poder.

Owscat entrou a resmungar fosse o que fosse a respeito de desconfiança: — disse lá com os seus botões que já estava velho para lhe nomearem tutor; tocou o rôlo de tabaco de mascar da bochecha esquerda para á direita, como bom americano despediu um esguicho de saliva côr de melasso, o qual, descreveado graciosa curva por cima da cabeça dos atarefados telegraphistas, foi chapar-se no canto opposto do wagon; deu signal de que ficava sciente do caso e, assaz mal humorado, lá se foi outra vez para o seu compartimento especial. Não se descuidou, entretanto, de passar pelo buffete, e de afogar o seu despeito n'um bem medido copazio de *Bocker's Bitter*.

— Owscat era homem commedido, Whisky, extreme, lá isso nunca elle bebia.

Não era infundada a medida de precaução do director da Central. Havia mais de um exemplo, no espaço de poucos mezes, de ter sido atacada, em comboios nocturnos, a carruagem reservada da companhia, por se saber que conduzia valores importantes de toda a especie. Era, umas vezes, auctor das proezas qualquer gatuno operando por conta propria; outras vezes porém assaltaram o wagon companhias de malfeitores que se appellidavam *Roadagents* (agentes das estradas) os quaes, ora occultos, ora de cara descuberta, de viva força ou por estratagemas realisavam seus attentados, e depois, com a mesma rapidez com que haviam surgido, desappareciam, fugindo a unhas de cavallo, — tinham-os sempre á mão, roubados, tambem, já se vê — e pelos sertões fóra, velozes como o relampago, lá iam sumir-se na terra de Nunca-mais-te-vi. A Owscat accudiram-lhe á idea alguns dos taes casos, e em seu animo o despeito não tardou em ceder o logar a um tal ou qual receio. Entremettes, reparou n'um rapaz de boa presença, que o estava esperando á descida da escada, encostado ao sacco de viagem que depozera sobre um degrau, e que saudou a apparição do Fiel com ar risonho e modo agradável, apresentando se-lhe e dizendo chamar-se Billot.

Owscat recebeu-o com boa sombra. *Well*. Mister Billot; disse com modo cordial, já sei, já sei.

Estimo muito conhecê-lo, Mister Billot. Calculo que havemos de vir a ser optimos amigos.

Owscat, n'este comenos, abriu a porta e entrou ambos no wagon reservado, onde reinava agradabilissima temperatura. O recémchegado mostrou a sua carta de apresentação. Era escripta pelo proprio punho de Mr. Barrett e marcada com o carimbo da casa. Owscat leu-a de relance.

— *Allright!* disse, e guardou o papel na algibeira. Ora diga-me, previniu-se com farnel? Olhe que d'aqui ate S. Paulo ha uma distancia bem boa. — Que nós, enquanto a bebidas, não estamos mal Agua e rhum, para um gróg, não faltam e correm por conta da Companhia. Assim que chegarmos ao entroncamento, em Beulah, reclamam-se na Estação. Calculo que devemos lá estar ás doze horas, se o machinista nos não vier entortar a conta.

O comboio, entretanto, entrara de novo em movimento, mas ia devagar. Owscat mostrou ao seu ajudante as arrumações do wagon, os livros e as guias das encomendas, e lá o foi iniciando nos diversos pormenores do serviço. Billot ia dando provas de aptidão e boa vontade.

A dificuldade que haveria em desempenhar qualquer serviço de escripturaçã n'aquelle escriptorio ambulante só a poderia devidamente avaliar aquelle que se tiver visto obrigado a escrever em caminho de ferro, apesar da tremura constante, da encommoda trepidação da carruagem. Compreende-se, pois, que só a força de longa pratica alguém consiga fazel-o com mão firme e sem que o corpo se resinta dos continuos solavancos. E não obstante, Billot lá ia dando conta, não só d'este, como de todo o mais serviço, para elle, até então, quasi completamente extranho, com surpreendente facilidade e admiravel promptidão. Owscat, portanto, poude, desde logo, concentrar toda a sua attenção nos pagamentos, cobranças e outros pormenores da contabilidade.

O comboio seguia agora em direcção ao norte. Á direita, em lençol d'agua interminavel, espriaiva-se o Michigan, lago vastissimo, em cuja superficie ondulante vinham reflectir-se, quaes gigantes cos pyrilampos, os variegados luzeiros dos signaes e pharoes dos vapores da carreira, que cruzavam velozes, em todas as direcções e estabeleciam communicações entre as margens oppostas. Corroava lhes, de vez em quando, as negras chaminés, um feixe de luz alaranjada, que apoz de si ia deixando um rasto de scintellas, semelhante ao que, no espaço, fere a cauda de um cometa, e cujo fulgor ia, pouco a pouco, amortecendo, até que de todo se perdia na distancia. De repente, mudava de rumo o comboio, internava, afastando-se da margem e cortava através das planicies do Wisconsin. De tempos a tempos, o clarão dos pharoes illuminava de relance as granjas, tão disseminadas por toda aquella região, ou os moinhos de serração que tanto abundam por ali, nas margens, quer dos rios quer dos lagos.

O comboio percorria a *terra da madeira*, essa tão frequentada «*timbered land*», entre todos os terrenos arborizados de Wisconsin, sem duvida alguma o mais rico. De subito, e como por encanto, o scenario mudava: charneca interminavel, a «*prairieland*», apenas cortada a largos intervallos, pelos «*openings*» — leiras cultivadas, os oasis d'aquelle deserto, e o viajante afigurava se-lhe, a cada momento, ver luzir, lá ao longe, por entre a erva secca e requeimada do sol, o olho esgazeadado de esfaimado lobo. De vez em quando, e como que para interromper tão monotono percurso, enfiava o comboio por extenso corredor, em cujas paredes, formadas pelos renques das arvores, a luz dos pharoes desenhava mil formas phantasticas, que pareciam contorcer-se em vertiginosa pantomima, e nas trevas, aqui e acolá, divisava-se o olhar fulgurante e cubicoso do lynce ou do gato bravo.

Agora, veloz que nem uma seta, atravessava o comboio a extensa cordilheira das montanhas azues, d'entre as quaes, semelhando torres altaneiras, campava um ou outro pincaro elevado. Eram os planaltos do Wisconsin, e d'ahi em breve tornava a descer para ir embrenhar-se no valle do Mississippi, — o nobre pae das aguas.

Repetiam-se, entre o grupo dos passageiros, as vulgarissimas peripecias que coincidem com toda e qualquer viagem nocturna pela via ferrea. A conversação afrouxára; os viajantes da segunda classe (que corresponde á terceira entre nós) bocejando, reclinavam-se, o mais commodamente que podiam, no espaldar demasiadamente baixo dos bancos; outros tentavam enganar o somno e o cançasso, passeiando para cá e para lá, nas estreitas coxias, mascando tabaco e cuspidando; alguns dirigiam-se para os wagons de fumadores, onde, entre um bando de musicos ambulantes e de gentilemen tresandando a whiskey, iam entreter o

ocio forçado fumando os seus charutos de dez cents.

Os que, por mais ditosos, desfructavam as vantagens do sleeping-car, esses iam todos já estirados nos fofos almofadões.

Era meia noite. O comboio, com rigorosa pontualidade e estrepito de ensurdecer, rodava ao longo da grande ponte que atravessa o Mississippi, para ir parar no entroncamento de Beulah, e dar agua á machina. N'aquelle ponto de bifurcação, havia trasbordos dos sacos do correio e dos fardos que deviam seguir pela outra linha, e um empreito local da agencia de recovagens de Smith e C.<sup>a</sup> subiu para o comboio e assomou á entrada do respectivo wagon-reservado.

— Com mil demonios! Mister Owscat! vociferou mal humorado, escancarrando com força a porta do wagon, no qual reduzia a luz a força minima, reinava quasi completa escuridão. Então isto é wagon da companhia ou é sleeping-car?

Olhe que estamos no entroncamento de Beulah! Que é dos *checks* (guias) para o chefe das bagagens?

Contra sua expectativa, porem, o empregado não divisou nas trevas mão fosse de quem fosse apresentando-lhe os papeis, e portanto, invadiu-lhe a mente sinistra apreensão. — Sem duvida, succedera ali caso anormal! Puxou, rapido, o abafador da luz, e o clarão tremulo e indeciso da lanterna veio alumiar uma scena de confusão e desordem! Prostrado no chão, e com a cabeça d'encontro ao cofre escancarado, jazia Owscat, amarrado de pés e mãos, bem amodado com um lenço, os olhos quasi que a quererem saltar-lhe das orbitas para fora; e, em redor d'elle, objectos em desordem, um rasto de sangue, vestigios de lucta desesperada.

Não havia que duvidar! — houvera ali um attentado! um roubo!

(Continúa)

Pin Sol.



## REVISTA POLITICA

Se valesse a pena commentar a politiquice que certa folha dirigida e redigida por um ex-ministro da fazenda de triste memoria, está fazendo com o emprestimo que o governo, mau grado do sobredito ministro, contractou para a aquisição de navios de guerra, teriamos assumpto de sobejo para esta revista, pondo tudo em pratos limpos como quem não tem telhados de vidro; mas melhor é não mecher na questão para que não se levante por ahí alguma epidemia, o que seria muito peior que a baixa dos cambios que se accentou mais nos ultimos dias e que levou o governo a entrar em combinações com os principaes estabelecimentos bancarios e capitalistas afim de remediar o crescimento do mal.

Felizmente alguma coisa conseguiu, mas não será para confiar se os mercados estrangeiros não melhorarem, porque d'esta vez a crise é muito maior lá fóra do que de portas a dentro.

De ha muito que os cambios tem soffrido notaveis alternativas tendendo sempre para a baixa, mas a causa d'estas alternativas, muito especialmente as que se teem dado com o cambio do Brazil, tem a sua origem na crise financeira porque está passando o mercado inglez, que é o que dá a lei.

Essa crise provem da grande depreciação que o commercio inglez tem soffrido nos ultimos tempos com a concorrência que lhe tem feito outros mercados e muito principalmente o allemão, de que resulta a Inglaterra fazer esforços heroicos para valorisar o seu oiro.

Crêmos que não ha ahí ninguem medianamente financeiro que não saiba isto, mas parece-nos que ainda ninguem teve a sinceridade de o dizer e antes temos visto fazer politica com estas alternativas dos cambios querendo tirar d'ellas partido para ferir a actual situação.

Grande nau grande tormenta, mas para nem sempre estarmos em azar, temos n'este caso a vantagem de ser pequena nau, e emquanto a França despense quinze milhões de francos para festejar a visita do Tzar a Paris, tendo as suas finanças assaz abaladas e um anno agricola pessimo, cá a pequena nau regateia as despezas a fazer com o centenário da descoberta da India, apesar das suas finanças tenderem a equilibrar-se e do excellent anno agricola que teve, em que só

a extraordinaria producção vinicola promette alguns milhares de contos.

O desafogo completo das finanças portuguezas só depende da melhoria do cambio do Brazil, que permitta a remessa dos valores que ali estão immobilizados e que tragam ao mercado portuguez bastante papel cambial para fazer face aos encargos externos. Emquanto isso não chega temos nos remediado com a exportação para outros paizes o que vale bem mais que todas as politiquices do citado ex-ministro da fazenda de triste memoria.

Ora já é uma grande vantagem, quando o principal mercado da nossa exportação tem os seus valores tão depreciados ha seis annos, nós tenhamos feito face aos encargos externos, com a exportação dos productos do continente e reexportação dos generos coloniaes.

E' isto que se deve evidenciar como prova dos recursos do paiz, de preferencia a exportar falsidades que desacreditam e amesquinham o nosso valor, e que são presurosamente reeditadas em folhas estrangeiras, que, não se lembram do que lá vae por casa.

O fazer politica com o credito do paiz é o peior expediente das opposições, porque é bater em si proprio, e quem semea ventos colhe tempestades, segundo a sabedoria das nações que é uma experiente mestra da vida. Só quem não tem que perder é que pouco lhe importa servir-se d'armas que lhe podem ser fataes, de contrario reservasse e não se atira loucamente ao perigo.

O credito de um paiz não está felizmente nas mãos dos politicos, porque se estivesse já de ha muito Portugal não existia. Outra força poderosa o sustenta que é o trabalho que lhe dá os recursos de que precisa, e essa força tem-a affirmado a nação valorosamente sempre e ainda agora, na terrivel crise que atravessa ha seis annos a esta parte.

O que não é para invejar é que os proprios que desbarataram os dinheiros publicos da forma mais desastrada estejam a fazer politica com o credito do paiz, inventando crises de toda a ordem, esquecendo-se da verdadeira crise que de longo tempo tem vindo semeando os fructos que se estão colhendo — a crise do bom senso!

João Verdades.

## OS AGENTES CURATIVOS DE KUHNE

Em o n.º 639 do OCCIDENTE demos á estampa o retrato de Luiz Kuhne, o auctor da *Nova Sciencia de Curar*, publicando tambem uma noticia sobre essa sciencia de curar sem medico nem botica.

Os agentes curativos de que se serve Kuhne para tratar as doencas, além da alimentação natural e apropriada á nossa natureza, são os banhos.

Descrever a forma d'esses banhos e apresentar o desenho dosapparehos pelo meio dos quaes elles se applicam, é hoje o nosso proposito, completando assim a noticia que demos em o referido numero.

*Banhos de vapor* — Estes banhos applicam-se a todo o corpo ou parciaes. São o melhor agente para provocar a transpiração quando o estado morbido do corpo a não permite espontaneamente como se dá nas pessoas que teem saude.

A fig. 1 representa um appareho destinado a tomar banhos de vapor. E' um simples movel que occupa o espaço de uma cadeira e que se desdobra para funcionar, sendo apenas preciso algumas panellas e um cobertor de lã para se dar o banho como a gravura representa. Como se vê é um banho parcial ao tronco e aos pés. O doente estende-se sobre o appareho e tapa-se com um cobertor deixando a cabeça livre. Por baixo dos pés e do tronco collocam-se duas panellas com agua a ferver e o vapor d'essa agua constitue o banho, que se póde tomar por 10 a 15 ou 20 minutos conforme a transpiração se realisa mais ou menos facilmente. As panellas renovam-se com mais agua a ferver, sendo precisa. Se o banho é geral collocam-se mais panellas e o cobertor tapa todo o corpo incluindo a cabeça, virando-se o doente por todos os lados.

A fig. 2 mostra um appareho para dar banhos de vapor ao baixo ventre. N'este caso colloca-se só uma panella por baixo e o doente póde ficar com a cabeça coberta ou livre.

A fig. 3 representa o appareho de dar banhos de vapor á cabeça e ao pescoço. E' o mesmo que o da fig. 2 e só consiste no modo de se collocar o

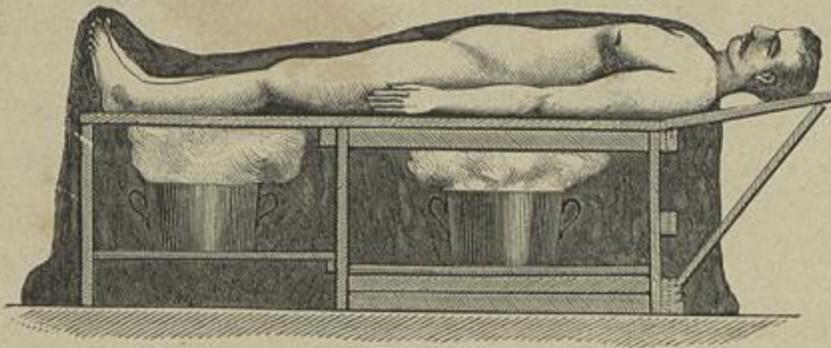


Fig. 1

doente e a panella, de maneira que se applique o banho onde elle é preciso.

A fig. 4 representa a banheira com agua para o banho do tronco.

Como se vê faz differença das banheiras vulga-

ferentes d'aquelles, porque devem ser tomados em agua fria ou á temperatura indicada, e prolongarem-se por 10 a 20 minutos, para produzirem o effeito necessario.



Fig. 2

res. Esta tem a fórma mais oval e as costas são mais deitadas, de modo que possa funcionar como a gravura mostra.

#### MODO DE APPLICAR OS BANHOS DE VAPOR E OS DE AGUA

Os banhos de vapor devem sempre ser seguidos de banhos d'agua com fricções á temperatura de 20.º Reaumur. As fricções fazem-se com mais intensidade ao baixo ventre friccionando-se mais ligeiramente as outras partes do corpo.

Depois dos banhos d'agua ao tronco é preciso reaquecer o corpo para suar, fazendo movimentos ao ar livre, se fórpossivel ou metter-se o doente



Fig. 3

#### BANHOS DE SOL

Os banhos de sol fazem parte dos agentes curativos de Kuhne. Nos casos em que se applicam ou são totaes ou parciaes. Para se tomar um banho de sol ao corpo todo o doente, deita-se ao comprido sobre um cobertor, só vestido de ligeiras roupas e com os pés descalços; as senhoras sem espartilho. A cabeça é preferivel cobri-la com folhas verdes de plantas e das maiores que houverem; só se cobre com um lenço não havendo aquellas.

Nos banhos parciaes cobre-se por cima das roupas brancas com folhas verdes as partes do corpo que se querem abrigar do sol, deixando as outras descobertas.



Fig. 4

te na cama bem coberto, ou tomando um pouco de sol.

Os banhos derivativos são os que se tomam com agua fria ou á temperatura de 15.º Reaumur, á parte baixa do corpo ou semi-cupio. São tambem banhos derivativos os que se tomam só ás partes sexuaes com leves fricções.

Estes banhos, que em geral se usam quotidianamente como lavagem e aceio, são um tanto dif-

O tempo do banho de sol regula-se pelo bem estar do doente, mas nunca além de 2 horas. As melhores horas para os banhos de sol são entre as 10 e as 3 da tarde. Deve sempre regular um intervallo de meia a uma hora depois do almoço, para se tomar um banho de sol.

Os doentes a quem o banho de sol fizer dôres ou peso de cabeça, não o devem prolongar muito ao principio, mas este inconveniente só apparece

nas pessoas que não transpiram ao mesmo tempo. Depois do banho de sol deve-se tomar um semi-cupio ou banho baixo derivativo, ou um banho de tronco, na temperatura de 18.º ou 20.º Reaumur.



Recebemos e agradecemos:

**O mundo em casa, jornal illustrado para todos; um pouco de tudo. Director Hygino de Mendonça. N.ºs 4 a 9.**

Os numeros que temos presente da graciosa revista continuam agradando. A escolha dos assumptos bem apropriados aos leitores a que é dedicada, as variadas illustrações, tudo dá á elegante publicação as mais seguras probabilidades de exito no nosso meio litterario onde tanta publicação naufraga mercê da indifferença publica.

**O Instituto, revista scientifica e litteraria, volume XLIII. Junho, Julho e Agosto, N.ºs VI, VII e VIII. Coimbra. Imprensa da Universidade.**

A commissão de redacção d'esta conceituada revista, é no presente volume composta pelos ex.ºs srs. Affonso Augusto da Costa, Bernardo Ayres, José Frederico Laranjo, Luciano Antonio Pereira da Silva e Manuel d'Azevedo Araujo e Gama, do que resulta segura garantia da orientação e selecção dos estudos insertos, com o que, de passagem o diremos, muito tem a lucrar a bella publicação, que em numeros afastados se deixara influenciar por litteratura mais revolucionaria, menos academica e menos util, como o são sempre todos os exageros, quer na linguagem quer na concepção.

**Real Associação, Central da Agricultura portugueza.**

D'esta importante collectividade temos recebido algumas publicações de notavel interesse.

A primeira é intitulada *Plantações definitivas e cultura da vinha* por D. Luiz de Castro, trabalho importante a que já tivemos o prazer de nos referir com justas phrases de elogio. Agora, simplesmente noticiaremos que o citado estudo se acha publicado em livro especial, o que permite mais facilmente a aquisição.

O *relatorio da Direcção*, que tambem temos presente, é deveras interessante pelo exame de alguns assumptos e discussões importantes que fizeram objecto de successivas sessões de tão prestimosa associação. São esses assumptos de tão variada natureza e representam serviços de alto valor prestados ao paiz, que só pela leitura do bem redigido relatorio se podem avaliar, mas que aqui se pode já dizer tornam a sympathica aggrimação digna de todo o louvor pelos seus patrioticos esforços.

#### ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1897

Está publicado este interessante annuario, contendo alem do calendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da *Campanha d'África contada por um sargento*, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da *Nova Sciencia de Curar pelo Methodo Kuhne* com receitas da cosinha vegetariana etc.

Uma linda capa em cores representando a *Priissão do Gungunhana* por Mousinho de Albuquerque.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis pelo correio 320 réis

Recebem-se encommendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29